

Cidade atraiu funcionalismo com vantagens

ALFREDO OBLIZINER

Desembarquei em Brasília em 15 de abril de 1960. No rústico aeroporto de madeira, que há muito foi derrubado, havia gente demais, calor de matar e poeira. Muita poeira. Uma loucura.

Vim de São Paulo, integrando uma equipe de jornalistas organizada pelo "Velho Capitão" Assis Chateaubriand, para tirar o **CORREIO BRASILIENSE**, que foi às ruas no dia da inauguração de Brasília.

Poucos confiavam na nova capital. A qualquer pretexto se falava em retorno da capital para o Rio, e essas ameaças — que quase se consumaram no governo de Jânio Quadros — mantinham os pioneiros em expectativa e alarmados.

Por isso, nos primeiros dias de Brasília, que o presidente Juscelino Kubitschek, terminando um governo envolvido pelo "slogan" de fazer o Brasil crescer "50 anos em cinco", estabeleceu várias e tentadoras "vantagens" para atrair servidores de todo o País.

Hoje, 30 anos depois, vejo surpreso como as coisas mudaram. As "vantagens" criadas pelo ex-Presidente transformaram-se, exatamente, nas repudiadas "mordomias", odiadas por toda a sociedade, e que o presidente Fernando Collor prometeu acabar.

Para trazer do Rio o funcionalismo público federal, acostumado àquela vida boêmia de Copacabana, ao chope geladinho e ao "Fla-Flu" no Maracanã, só com muita "vantagem", ou seja, "mordomia".

JK instituiu a "dobradinha" — salário em dobre ao servidor transferido para Brasília. Deu moradia aos removidos — exatamente os apartamentos funcionais que hoje estão sendo extintos pela Medida Provisória 149, já transformada em lei. Forneceu transporte dentro da cidade — os famosos "chapas-brancas" que serão leiloados no próximo mês. E adotou facilidades aéreas para os servidores poderem visitar suas famílias, que haviam ficado no Rio, no Norte, Nordeste ou Sul do País.

Juscelino conseguiu trazer o funcionalismo das prais de Copacabana para o cerrado agressivo do Brasil Central, oferecendo "vantagens" que agora, 30 anos depois, agonizam.

"Vantagens" que atravessaram os governos de Jânio Quadros e João Goulart, a revolução de 64 com a Junta Militar, Castelo Branco, Costa e Silva, Garrastazu Médici, Ernesto Geisel, João Figueiredo e o governo de transição de José Sarney. Elas atravessaram crises econômicas, políticas e institucionais.

Brasília mudou muito nesses 30 anos. Perdeu aquele ar de terra jovem encantada, cheia de pioneiros esperançosos. Mas não envelheceu. Amadureceu. Mudou muito para deixar tudo no mesmo lugar.